

VIRGINIE DESPENTES

# A vida de Vernon Subutex

*Volume 1*

*Tradução*

Marcela Vieira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Virginie Despentes et les Éditions Grasset & Fasquelle  
Publicado mediante acordo com Casanovas & Lynch Literary Agency S.L.  
*Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aides à la  
publication de l'Institut Français.*

Este livro contou com o apoio à publicação do Institut Français.



*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Vernon Subutex #1

*Capa*

Tereza Bettinardi

*Revisão da tradução*

Maria Emilia Bender

*Preparação*

Ana Martini

*Revisão*

Jane Pessoa e Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Despentes, Virginie

A vida de Vernon Subutex, volume 1 / Virginie Despentes ; tradução  
Marcela Vieira. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: Vernon Subutex #1

ISBN 978-85-359-3249-2

1. Ficção francesa I. Título.

19-26999

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : literatura francesa 843

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Non omnis moriar*

...

*para Martine Giordano,  
Joséphine Pépa Bolivar,  
Yanna Pistruin.*

As janelas do prédio em frente já estão com as luzes acesas. As silhuetas das faxineiras se movimentam no amplo loft do que deve ser uma agência de comunicação. Elas entram às seis da manhã. Em geral Vernon se levanta um pouco antes. Ele tem vontade de um expresso e de um cigarro de verdade, e adoraria uma torrada para acompanhar a leitura das principais manchetes do *Parisien* na tela do computador.

Faz algumas semanas que ele não compra café. Os cigarros que enrola de manhã aproveitando as bitucas da véspera são tão finos que é como tragar papel. Na despensa não tem nada pra comer. Pelo menos ele não cortou a assinatura da internet. A cobrança automática cai no mesmo dia do auxílio-moradia. De uns meses para cá o auxílio é depositado diretamente na conta do proprietário do imóvel, e até agora tem dado certo. Tomara que continue assim.

A linha do celular foi suspensa e ele não se preocupa em comprar créditos. Diante da falência, Vernon mantém uma estratégia: faz o tipo que não liga pra nada. Assistiu a ruína em

câmera lenta, depois o colapso se acelerou. Mas ele não perdeu nem a fleuma nem a elegância.

Pra começar, seu seguro-desemprego foi cortado. Recebeu pelo correio a cópia do relatório, redigido por sua própria conselheira. Os dois se davam bem. Ao longo de quase três anos eles se encontraram repetidas vezes num cubículo apertado onde ela deixava as plantas morrerem. Já perto dos trinta, graciosa, ruiva tingida, rechonchuda, os seios fartos, a sra. Bodard gostava de falar dos dois filhos, que lhe davam muita dor de cabeça; ela os levava com frequência ao pediatra, na esperança de que ele diagnosticasse uma hiperatividade que justificasse um tratamento com calmantes. Mas o médico os considerava em plena forma e a enquadrava em seu devido lugar. A sra. Bodard lhe contou que, quando pequena, foi ao show do AC/DC e dos Guns N' Roses com os pais. Mas hoje em dia ela preferia Camille e Benjamin Biolay, e Vernon se policiou para não fazer um comentário desagradável. Conversaram durante um bom tempo sobre o caso dele: fora vendedor de discos entre os vinte e os quarenta e cinco anos. As ofertas de emprego nesse ramo eram mais escassas do que se ele tivesse trabalhado em minas de carvão. A sra. Bodard recomendou uma recolocação. Juntos, consultaram os estágios disponíveis nos centros de formação profissional de adultos e se despediram em bons termos, combinando se ver mais tarde para um balanço. Três anos depois, seu nome no processo seletivo para uma especialização em serviços administrativos foi recusado. Ele, por seu lado, considerava ter feito o possível, tornando-se especialista em dossiês, que preparava com uma eficácia extraordinária. Com o passar do tempo ficou com a sensação de que seu trabalho consistia em primeiro zanzar pela internet à procura de vagas que correspondessem a seu perfil, para em seguida enviar currículos e então receber as negativas. Quem se habilitaria a treinar um sujeito beirando os cinquenta? Até

conseguiu estágio numa casa de shows na periferia, outro num cinema independente — porém, embora pelo menos sáísse um pouco, se inteirasse dos problemas do metrô e visse pessoas, isso só lhe provocava uma sensação desagradável de perda de tempo.

Na cópia do relatório que a sra. Bodard redigiu para justificar o cancelamento do seguro-desemprego, ela mencionou coisas que ele lhe disse quando estavam apenas batendo papo, como a pequena quantia de dinheiro que ele tinha desembolsado para ver The Stooges em Mans ou os cem euros que tinha perdido no pôquer. Enquanto folheava seu dossiê, em vez de se preocupar com o benefício que deixaria de receber, ele ficou muito constrangido por ela. A conselheira devia ter trinta anos. Ela ganhava quanto — quanto ganha uma mulher dessas? —, uns dois mil brutos? No máximo. Mas as pessoas daquela geração tinham sido criadas ao som de um reality show em que o telefone podia tocar a qualquer momento dando ordens para demitir metade dos colegas. Eliminar o próximo é a regra de ouro do jogo que lhes ensinaram antes mesmo de tirar as fraldas. Como exigir, hoje, que achem isso mórbido?

Ao saber do cancelamento, Vernon pensou que talvez o corte o motivasse a encontrar “alguma coisa”. Como se a piora de sua situação já precária pudesse exercer influência benéfica em sua capacidade de sair do buraco no qual estava atolado...

Não foi apenas pra ele que as coisas se deterioraram rapidamente. Até o início dos anos 2000 muita gente se virava bem. Não era raro ver um motoboy se tornar gerente de um selo de uma gravadora, jornalistas freelancers conseguirem uma colocação como diretor de programa de TV, e até um cretino era promovido a chefe de uma seção de discos na Fnac... No fim da fila, os menos ambiciosos se safavam entre um bico e outro num festival, como *roadie* numa turnê, colando cartazes nas ruas... De todo modo, Vernon tinha condições de assimilar a impor-

tância do tsunami Napster, porém nunca imaginou que o navio afundaria de uma vez só.

Alguns diziam que era cármico, que a indústria tinha tido muito sucesso com a operação do CD — revendendo à clientela toda a sua discografia, num suporte cuja fabricação era mais barata e que poderia ser comercializado pelo dobro do preço nas lojas... sem nenhuma vantagem para os amantes da música, já que nunca ninguém reclamou do vinil. A falha nessa teoria do carma é que, com o tempo, descobriríamos que se comportar como um filho da puta seria sancionado pela história.

A loja dele se chamava Revolver. Vernon começou como vendedor aos vinte anos e logo se apropriou do ponto quando o dono decidiu partir para a Austrália, onde comprou um restaurante. Se, desde o primeiro ano, alguém dissesse que ele passaria grande parte da sua vida naquela loja, Vernon teria respondido é claro que não, eu ainda tenho muita coisa pra fazer. É só quando envelhecemos que compreendemos que a expressão “puta que pariu, como passa rápido” é a que melhor define o espírito das coisas.

Teve que fechar em 2006. O mais complicado foi encontrar alguém que assumisse o contrato de arrendamento e renunciar à perspectiva de lucro com o imóvel; mesmo assim, seu primeiro ano de desemprego sem indenização — já que o patrão era ele — tinha corrido bem: um contrato para escrever alguns verbetes numa enciclopédia de rock, uns dias trabalhando sem registro na bilheteria de um festival de subúrbio, resenhas de discos para revistas especializadas... e ele pôs à venda na internet tudo o que tinha resgatado da loja. A maior parte do estoque fora liquidada, mas ainda restavam alguns vinis, boxes de CDs e uma grande coleção de cartazes e camisetas que ele se recusou a vender na primeira leva. Em leilões no eBay, consegui fazer o triplo do que esperava, e isso sem a chateação de ter que emitir notas fis-

cais. Bastava honrar os compromissos, ir ao correio na mesma semana e caprichar na embalagem. O primeiro ano foi intenso. A vida costuma se apresentar em duas rodadas: na primeira ela te distrai, te fazendo acreditar que você está no comando; na segunda, ao perceber que você está relaxado e indefeso, ela se volta contra você e te fode.

Vernon mal teve tempo de reencontrar o prazer das longas manhãs de preguiça na cama — durante mais de vinte anos, fizesse chuva ou fizesse sol, havia levantado a porra da porta de ferro da loja, rigorosamente, seis dias por semana. Confiara as chaves a um colega em apenas três ocasiões ao longo de vinte e cinco anos: uma gastroenterite, uma cirurgia de implante dentário e uma crise do ciático. Levou um ano para reaprender a ficar na cama de manhã lendo um livro, se quisesse. Sua maior diversão era pesquisar sites pornô escutando rádio. Conhecia toda a carreira de Sasha Grey, Bobbi Starr ou Nina Roberts. Também gostava de tirar um cochilo à tarde, ler uma meia hora e depois capotar.

No segundo ano se dedicou à iconografia de um livro sobre Johnny Hallyday, inscreveu-se no seguro-desemprego e começou a vender sua coleção de objetos. Ele se virava bem no eBay, nunca poderia imaginar que aquela loucura fetichista movimentava tanto o mundo virtual — vendia-se de tudo: brindes, gibis, bonequinhos de plástico, cartazes, fanzines, livros de fotografia, camisetas... No início, quando a gente começa a vender, é normal se refrear, mas você logo toma gosto e sente prazer quando se desfaz das coisas. Aos poucos foi eliminando da casa qualquer resquício de sua vida pregressa.

Ele não deixava de valorizar a satisfação das manhãs em que ninguém vinha torrar seu saco. Tinha todo o tempo do mundo para escutar música. The Kills, White Stripes e vários Strokes poderiam enfim lançar todos os discos que quisessem, ele não precisava esquentar a cabeça. Não aguentava mais a obrigação



de ficar por dentro dos infundáveis lançamentos; para acompanhar tudo, só mergulhando na internet e consumindo todos os novos sons, sem trégua.

Por outro lado, ele não havia previsto que, com o fechamento da loja, iria penar tanto com as mulheres. As pessoas sempre dizem que rock é coisa de homem, mas as pessoas falam merda o tempo todo: ele tinha suas clientes, e elas sempre se renovavam. Ele e as mulheres tinham um acordo tácito. Ele não era fiel, e por mais que se esquivasse, elas continuavam rastejando a seus pés. Bastava uma garota passar uma única vez com o namorado à procura de um CD, para dali a oito dias ela voltar sozinha. Sem contar as que trabalhavam nas imediações. As esteticistas do final da rua, as moças da loja em frente, as do correio, do restaurante, as que trabalhavam no bar, as da piscina. Um tremendo viveiro do qual se viu privado assim que entregou as chaves.

Teve poucas namoradas. Como muitos caras que conhecia, vivia da lembrança da mulher que o abandonou. A que realmente importava. A dele se chamava Séverine. Ele tinha vinte e oito anos. Sempre preocupado em manter a reputação de *serial lover*, não percebeu a tempo que ela era diferente. Ele era um predador, selvagem e independente, seus amigos todos admiravam a elegante desenvoltura com que ele encadeava um caso atrás do outro. Pelo menos era essa a ideia que Vernon fazia de si mesmo. O sedutor que só quer trepar, que não se prende, aquele que as garotas não dobram. Ele não se enganava: como muitos outros sujeitos com baixa autoestima, ganhava confiança ao confirmar que podia pisar nas mulheres.

Séverine era alta e ligada no duzentos e vinte, tão ligada que ficava cansativa; suas pernas eram intermináveis, tinha o charme da parisiense rica, do tipo que pode usar casaco de carneiro e mesmo assim parecer sofisticada. Ela abraçava tudo com energia, sabia fazer o que quer que fosse numa casa, e nem trocar

um pneu no acostamento a intimidava — era do tipo filha de rico acostumada a se virar sozinha sem reclamar de nada. O que não a impedia, contudo, de saber relaxar na intimidade. Quando pensa nela, Vernon a revê nua, na cama, onde ela adorava passar fins de semana inteiros. Ela havia acomodado o som no piso, ao lado do colchão, para não ter que levantar para trocar de CD. Em volta da cama, ela se cercava de cigarro, de garrafa de água e do telefone com o fio sempre enrolado. Era seu reino. No qual ao longo de meses ele teve permissão de entrar.

Era o tipo de garota que tinha aprendido com a mãe que não deve cair em prantos quando descobre que foi traída. Séverine aguentou firme. Vernon tinha sido flagrado por puro descuido — e ficou surpreso que ela não o tivesse abandonado imediatamente. Disse apenas “estou indo” e o perdoou. Vernon deduziu que ela não podia viver sem ele e começou a sentir um leve desprezo por sua fraqueza de caráter. Isso posto, podia repetir a dose. Já tinham brigado feio umas três ou quatro vezes e ela falava toma cuidado pra não exagerar, eu vou embora, você não está me dando opção, e Vernon estava convencido de que ela não faria isso. Ele nem sonhava. Quando soube que ela também tinha outro, enfiou as coisas dela numa caixa e deixou tudo lá embaixo na calçada. A imagem das roupas, dos livros e perfumes dela sendo remexidos pelos transeuntes, espalhando-se em frente à sua porta, iria assombrá-lo durante anos. Nunca mais ouviu falar dela. Levou um bom tempo para entender que nunca mais ia se recuperar. Vernon tem o dom de ignorar as próprias emoções. Mas às vezes se pega imaginando como seria sua vida se tivesse ficado com Séverine. Se tivesse tido coragem de renunciar ao que sempre tinha sido, se soubesse que, de um jeito ou de outro, qualquer um pode perder o que ama, e por isso é preferível planejar a recuperação com antecedência. Ela teve filhos, com certeza. Era esse tipo de mulher. Que se vira bem.

Sem perder o charme. Não uma megera. Mulher delicada, ela deve comer orgânicos e se interessar pelo aquecimento global, mas ele tem certeza de que ainda ouve Tricky e Janis Joplin. Se tivessem ficado juntos, ele teria encontrado trabalho assim que fechou a loja, já que teriam tido filhos e ele não teria outra escolha. E hoje eles se perguntariam o que fazer a respeito da maconha do garoto ou da anorexia da caçula. Enfim. Ele prefere pensar em termos de redução de danos.

Hoje em dia Vernon trepa menos que um homem casado. Nunca imaginou ser possível aguentar tanto tempo sem sexo. Ainda que o Facebook e o Tinder sejam ótimas ferramentas para um flerte no conforto do lar, em algum momento é preciso sair para encontrar a garota, a menos que a pessoa se contente com um *date* virtual no Second Life. Escolher uma roupa que lhe confira um ar vintage e não a aparência de mendigo velho, dar um jeito de não ir parar num café, num cinema ou, pior ainda, em algum restaurante... e sobretudo não levar a garota pra casa, pra ela não ver a despensa vazia, o estado lamentável da geladeira e a bagunça insalubre — que não combina em nada com o caos simpático do solteirão convicto. A casa recende a chulé, o odor característico do adolescente velhusco. Ele pode abrir as janelas, passar perfume. Aquele cheiro caracteriza seu território. Por via das dúvidas, xaveca as garotas pela internet e fura quando elas marcam um encontro.

Vernon conhece muito bem as mulheres, fez um estudo profundo delas. Essa cidade está cheia de mulheres desesperadas dispostas a limpar a casa e ficar de quatro presenteando-o com longos boquetes pra levantar seu moral. Mas ele passou da idade de imaginar que tudo isso não venha acompanhado de uma porrada de exigências. Não é porque uma mulher é velha e feia que ela é menos chata e exigente do que uma gostosa de vinte anos. O que caracteriza as mulheres é que elas podem se passar por

discretas durante meses até revelar suas verdadeiras intenções. Ele desconfia do tipo de mulher que se sentiria atraída por ele.

Já com os amigos é diferente. Ouvir discos juntos durante anos, ir a shows e falar sobre bandas, laços como esses são sagrados. Ninguém deixa de se ver só porque mudou de casa. O que mudou é que agora era preciso telefonar pra marcar um encontro, enquanto até então bastava que eles empurrassem a porta da loja quando passavam pelo bairro. Ele não estava acostumado a planejar jantares, idas ao cinema ou noitadas fumando baseado... Aos poucos, sem que ele se desse conta, muitos se mudaram para o interior, fosse porque tinham mulher e filhos e não podiam mais viver em trinta metros quadrados, fosse porque Paris era cara demais e eles prudentemente retornaram a suas cidades natais. Depois dos quarenta, Paris só acolhia filhos de proprietários de imóveis, o resto da população devia seguir seu caminho em outro canto. Vernon tinha ficado. Talvez tivesse cometido um erro.

Só mais tarde tomou consciência dessa ruptura, quando a solidão o havia enclausurado vivo. Depois veio a sequência de tragédias.

Tudo começou com Bertrand. Recidiva do câncer. Um nódulo na garganta tinha voltado. O primeiro já tinha sido barra. Achava que tinha vencido. Em todo caso, os amigos comemoraram a cura como uma vitória definitiva. Só que da segunda vez tudo aconteceu tão rápido que foi como um soco no queixo, só depois do enterro é que caiu a ficha. Nos três meses entre o diagnóstico e a partida definitiva, a doença o devorou. Bertrand usava camisas pretas com o colarinho virado pra cima. Desde 88. Com o tempo, ficou difícil abotoá-las de tanto que a barriga estava inchada de cerveja. Tinha uns quarenta e poucos, cabelo comprido e branco, óculos escuros Ray-Ban, belas botas de pele de cobra e uma expressão mal-encarada. Apesar das manchas na pele, até que o cara era bem conservado.

Tinha sido um choque vê-lo com pijama de velho. A queda dos cabelos até que passava. Mas o pijama ridículo deixava Vernon de coração apertado. Bertrand não conseguia se alimentar e nem a melhor erva do mundo fazia efeito. Perdeu o porte que o caracterizava. Muito proeminentes sob a pele amarelada, os ossos começavam a ficar obscenos. Ele insistia em usar seus anéis de caveira mesmo que escorregassem dos dedos. Via que estava sucumbindo, dia após dia, e tinha plena consciência de tudo.

Depois veio a dor incessante, o corpo debilitado e o aspecto de esqueleto. Eles não paravam de fazer piada com a bomba de morfina, pois zoar era a única forma de comunicação entre eles. Vez ou outra Bertrand se referia à morte à espreita. Dizia que, à noite, o medo o despertava, e “o pior de tudo é que minha cabeça está perfeita, mas sinto meu corpo se despedaçando e não posso fazer nada”. Vernon era incapaz de responder “força, vai dar tudo certo, segura firme, velho”. Então eles ouviam The Cramps, The Gun Club e MC5 e bebiam cerveja enquanto Bertrand ainda aguentava. A família ficava furiosa, mas, sinceramente, o que mais eles podiam fazer?

E então veio o anúncio de sua morte, numa manhã, por mensagem de texto no celular. A princípio Vernon se limitou, como os outros, a manter a compostura no enterro. Óculos escuros. Todos usavam óculos escuros e vestiam um elegante terno preto. Foi só depois que o pânico se instalou. O pânico e a saudade. O gesto reflexo de ligar pra ele, a impossibilidade de apagar seus últimos recados de voz, a impossibilidade de acreditar que aquilo tinha acontecido. Passada uma certa idade, não nos separamos mais dos mortos, continuamos no tempo deles, na companhia deles. No dia do aniversário de morte de Joe Strummer, Vernon fez exatamente o que fazia quando Bertrand ainda estava ali: ouviu todos os álbuns do The Clash tomando cerveja. Nunca se interessara muito por essa banda. Mas a amizade faz essas coisas: aprende-se a jogar no campo dos outros.

Naquele dia de dezembro de 2002, os dois estavam na fila para comprar salmão porque Bertrand ia passar o réveillon com uma norueguesa e queria impressionar a garota com sua sofisticação culinária. Meteu na cabeça que o salmão defumado só podia ser comprado naquela loja do <sup>vème</sup> arrondissement e em nenhum outro lugar. Depois de um longo trajeto de metrô, aguardavam a vez deles. A fila se espalhava pela calçada, ia levar no mínimo quarenta minutos. Vernon foi comprar cigarros no café e ouviu o anúncio da morte de Strummer. Voltou para encontrar Bertrand. Não é possível, tá de sacanagem! Você acha que eu ia brincar com isso? Bertrand ficou pálido, mas mesmo assim comprou seu salmão e duas garrafas de vodka. Viraram a segunda garrafa ouvindo “Lost in the Supermarket”, lembrando da vez que viram Strummer num show solo juntos. Vernon tinha ido só para acompanhar Bertrand, mas quando chegou lá uma emoção inesperada o invadiu, então apoiou o ombro no amigo e chorou. Nunca comentou aquele fato, mas, no dia da morte de Joe Strummer ele contou tudo, e Bertrand disse sim, eu sei, eu vi, mas não queria te encher o saco com isso. Que merda, logo Strummer? O que pode existir de bom depois dele?

Três meses depois foi a vez de Jean-No. Nem bebida nem excesso de velocidade. Uma rodovia, um caminhão, uma curva e neblina. Voltando de um fim de semana com a mulher, foi trocar a estação de rádio. Ela se salvou, só arrebitou o nariz. O que reconstruíram era mil vezes melhor que o original. Jean-No nunca pôde desfrutá-lo.

Naquele domingo Vernon estava na casa de uma amiga, largado em cima de um colchão dobrado e encostado na parede, e recoberto de um tecido indiano com tanto furo de baseado que até parecia uma estampa. Eles estavam fazendo uma maratona

de *Alien*, assistindo a série completa no projetor. A garota morava num quarto no sótão perto da estação Goncourt. Não muito longe da casa dela ficava uma das últimas locadoras de DVD. Já tinham visto *Alvo duplo* e *Mad Max, O poderoso chefão* e *Uma história chinesa de fantasmas*. A amiga era um verdadeiro achado, viciada em baseado e mangá. Não do tipo que queria sair o tempo todo. Com ela, a única encheção de saco era Gato, você pode ir comprar um docinho pra mim na padaria, por favor? Cinco andares, sem elevador. Vernon não gostava da ideia de ser um bichano servil. Ela tinha acabado de trazer uns copos de coca-cola cheios de gelo numa bandeja enorme, o filme estava pausado e Vernon atendeu o celular quando ele tocou, coisa que raramente fazia aos domingos. Mas como Emilie não telefonava havia muito tempo, desconfiou que podia ser algo importante. Ela tinha acabado de receber a notícia pela irmã mais nova de Jean-No. Vernon se surpreendeu que ela tivesse se encarregado de avisar os amigos. Afinal de contas, Jean-No tinha mulher. Que estava no hospital naquele momento, tudo bem, mas a amante tomar a iniciativa de espalhar a notícia? Ele tinha convivido bastante com ela, depois perderam contato e a ocasião não era propícia para botar a vida em dia.

Vernon insistiu em continuar assistindo o filme. Será que a notícia não o afetara? Ficou assustado. Talvez estivesse ficando insensível. Encontrava Jean-No toda semana e, depois da morte de Bertrand, tinham se aproximado ainda mais. Almoçavam juntos no turco perto da Gare du Nord e sempre pediam o mesmo prato de doze euros regado a cerveja gelada. Jean-No tinha parado de fumar a duras penas. Se o coitado soubesse que seria em vão, teria programado o despertador para tocar de madrugada a fim de fumar ainda mais. Casou com uma mulher chata pra caramba. Muitos homens se sentem mais seguros sob cabresto.

Só mais tarde, no meio da madrugada, que a ficha caiu de

verdade. Minutos antes de pegar no sono, foi atravessado por um frio na espinha. Teve que se vestir e sair — caminhar na noite gelada, ficar sozinho, ver as luzes que cruzavam os corpos se fundirem ao movimento e sentir o chão sob os pés. Estava vivo. Foi difícil recuperar o fôlego.

Sempre saía para caminhar sozinho à noite. Havia adquirido esse hábito no fim dos anos 80, quando os roqueiros começaram a ouvir hip-hop. Public Enemy e os Beastie Boys pertenciam à mesma gravadora que o Slayer, isso acabou estabelecendo uma relação. Na loja fez amizade com um fã de Funkadelic, um branquelo taciturno e intragável; pensando bem, talvez ele usasse heroína, mas na época Vernon não se deu conta. O cara era pichador, saía escrevendo “Zona” por onde passava. A afinidade entre eles teve curta duração, Zona não aguentava mais dar rolê na rua, “os metrô, sim, são o canal” — ele queria foder com os vagões, queria destruir tudo e Vernon não tinha vontade de acompanhá-lo. Vernon não foi contaminado —, não conseguia se interessar pelas narrativas heroicas do 93 MC ou dos MKC, pelo grafite *wild style* ou *throw up*... Sabia que havia um lance ali, mas não era o dele. O negócio do cara era correr o risco de quebrar a coluna escalando um prédio e ficar duas horas entre o silêncio das latas de spray, fazendo pausas pra fumar e vendo as pessoas lá embaixo, que nem cogitavam erguer os olhos e se deparar com sua silhueta de vigia silencioso.

Na primeira noite de sua vida sem Jean-No, Vernon caminhou até a sola dos pés arder e não parou. Pensava nos filhos dele, e aquilo não fazia sentido. Órfãos de pai. A palavra não combinava com o que ele conhecia daqueles três pentelhos que ficavam o tempo todo pedindo atenção, doces ou brinquedos novos.

Jean-No se comportava como um imbecil por livre e espontânea vontade. Era arrogante. Sempre tinha ouvido músicas esquisitas, na adolescência gostava de Einstürzende Neubauten



e de Foetus, mais tarde foi se interessar por hard-core *punk straight edge*, era fã de Rudimentary Peni e se apaixonou por Minor Threat, bebia feito um gambá. Só gostando muito dele pra passar a noite a seu lado, já que ele se esforçava para ser inconvenientemente amargo. Aos quarenta anos, querendo se aburguesar, Jean-No começou a se interessar por ópera. Vestia-se como um playmobil engomadinho e falava idiotices de gente de direita dez anos antes que isso virasse moda. Naquela época, a coisa era tão atípica que até que tinha certa graça.

Agora Vernon vivia num mundo em que Ian MacKaye poderia começar a fumar crack e Jean-No não estaria mais ali para opinar.

Então foi a vez de Pedro. Menos de oito meses depois. Parada cardíaca. Pedro se chamava Pierre, mas cheirava tanto pó que ganhou o apelido sul-americano.

Vernon estava na frente do Elysée Montmartre, que ainda não tinha pegado fogo, e onde os Libertines iam tocar. Estava tentando pegar uma improvável estagiária que trabalhava no programa de TV do Ardisson; ela só falava do apresentador, fingia detestar o cara mas no fundo estava fascinada. Ele avistou um amigo, de longe, na frente da sala, e o chamou, contente em exibir a garota, uma morena de franja, jeans, cigarro e salto agulha, como as que Paris produzia aos montes no início do milênio. E o amigo, ao vê-lo se aproximar, caiu em lágrimas. Repetia Pedro Pedro Pedro, sem conseguir explicar, e então uma imensa letargia invadiu Vernon.

Pedro tinha cheirado, fácil, três casas, duas Ferraris, todas as suas histórias de amor, amizades, qualquer possibilidade de carreira, sua aparência e todos os dentes. Ele não contava isso com vergonha, alegando que não tinha problema com a coisa, nada disso, ele se vangloriava do vício com uma histeria feliz, era uma paixão totalmente assumida. Ele passava pó na gengiva, deixava

cair na jaqueta, conhecia todos os banheiros de todos os bares de Paris e escolhia onde beber exclusivamente em função da praticidade dos toaletes. Chegava na casa de Vernon e esticava carreiras por todos os lados, ia embora dois dias depois, deixando o anfitrião destruído. Pedro curtia Marvin Gaye, Bohannon, Diana Ross e os Temptations. Vernon adorava ser convidado para ir à casa dele, som incrível, poltronas confortáveis, uísques sensacionais — faziam você se sentir um gângster, um detetive particular, um dândi inglês.

Vernon encontrou uma foto em que estavam os quatro. Ele e os três mortos. Posavam ao lado dele, comemorando seus trinta e cinco anos. Era uma bela foto, dessas tiradas com câmera analógica e das quais se faziam cópias para os amigos. Quatro rapazes meio chapados mas esbeltos, cabeludos, de olhar vivo e sorriso sem amargor. Brindavam, Vernon se sentia deprimido naquela noite, chegar aos trinta e cinco anos estava acabando com seu moral. Quatro belos espécimes, orgulhosos de serem idiotas e desinformados, e sobretudo alheios ao fato de que viviam o melhor que a vida lhes tinha reservado. Ouviram Smokey Robinson durante boa parte da noite.

Depois de enterrar Pedro, Vernon não saiu mais nem retornou as ligações. Achava que era uma fase, que ia passar. Era natural que sentisse necessidade de se recolher após uma sequência de lutos tão próximos.

Foi por volta dessa época que o dinheiro acabou de verdade, reforçando ainda mais sua tendência ao isolamento. Jantar na casa de alguém sem ter como pagar uma garrafa de vinho o desencorajava a aceitar os convites. Noiava só de pensar que alguém pudesse propor uma vaquinha pra comprar pó na balada. Que não conseguisse ludibriar a entrada do metrô para entrar sem pagar. Que o tênis que usava estivesse com a sola solta. Noiava com detalhes para os quais nunca tinha dado bola, cismava com eles obsessivamente.

Então ficava em casa. Bendizia o passado. Baixava músicas, séries, filmes. Aos poucos foi deixando de ouvir rádio. Desde os vinte anos seu primeiro reflexo de manhã sempre tinha sido ligar o rádio. Mas agora aquilo só servia para angustiá-lo, não lhe despertava nenhum interesse. Perdeu o hábito de ouvir as notícias. Quanto à televisão, tudo aconteceu naturalmente. Havia muita coisa pra fazer na internet. Dava uma olhada nas manchetes online. Mas onde passava mais tempo era nos sites pornográficos. Não queria ouvir falar da crise, do islã, do aquecimento global, do gás de xisto, dos orangotangos maltratados ou dos ciganos barcados nos ônibus.

Sua bolha é confortável. Nela, ele sobrevive prendendo a respiração. Reduz cada ação ao menor gesto. Come menos. Passou a deixar o jantar mais frugal. Sopa com macarrão instantâneo. Não compra mais carne, proteína é coisa de esportista. Come arroz, basicamente. Compra sacos de cinco quilos no supermercado asiático e estoca. Está diminuindo os cigarros — economiza o primeiro, espera até o segundo e, depois do café da manhã, se pergunta se tem mesmo vontade do terceiro. Guarda as pontas, nada de desperdício. Conhece as portas dos escritórios da vizinhança, onde as pessoas saem para fumar, e às vezes quando passa na frente delas ele diminui o passo e recolhe as bitucas maiores. Ele se sente como um velho fogo cujas brasas às vezes reacendem com o vento, mas nunca o suficiente pra queimar a madeira. Uma fogueira agonizante.

De vez em quando tem seus cinco minutos. Entra no LinkedIn e faz listas dos conhecidos que parecem ainda ter emprego e promete procurá-los. Imagina a história que vai contar, provavelmente começaria por um lance de mulher. Sua fama de garanhão deixa os homens num estado propício para conversas simpáticas. Então ele diria isso — eu estava fora de Paris, comendo uma gata húngara que me arrastou pra Budapeste, ou

uma bela americana que não parava de viajar, enfim, a nacionalidade pouco importava, contanto que passasse a impressão de que ele se divertiu horrores, e cá estou eu de volta à procura de trabalho, qualquer coisa, por acaso você não teria nada para mim. Daria uma de descontraído, tranqüilão, sem estresse. Já quanto à grana, não tinha como inventar nada, estava na cara que ele não tinha um centavo no bolso. De qualquer modo nunca havia nadado em dinheiro. Na sua época, dava credibilidade. Mas isso foi antes dos anos 2000, quando os frequentadores de shows, como quem não quer nada, passaram a ostentar roupas novas e caras, de marca, relógio da moda no pulso, um jeans que vestia bem e com um corte que atestava que tinha sido comprado naquele ano. A miséria acabou perdendo sua aura poética desde que surgiu a Zadig e Voltaire, ao passo que, durante décadas, ela servia pra validar o artista, o verdadeiro, aquele que preferiu não vender a alma. Hoje é a morte dos derrotados, mesmo no rock.

Só que ele nunca liga pra pedir ajuda. É incapaz de identificar o que o impede. Teve tempo para pensar a respeito. O enigma continua. Procurou na internet conselhos para os procrastinadores patológicos. Redigiu listas do que tinha a perder e do que estava pondo em risco, comparou com a lista do que tinha a ganhar. Não faz a menor diferença. Ele não telefona pra ninguém.

Alexandre Bleach morreu. Vernon, ao ver o nome dele pipocar no Facebook, não se abala de cara. Foi encontrado morto num quarto de hotel.

Quem vai pagar seus aluguéis atrasados? É a primeira pergunta que lhe vem à cabeça. Os e-mails e inboxes que enviou nessas últimas semanas não tiveram resposta. Seus pedidos de ajuda. Estava acostumado com a demora de Alex pra responder. Vernon contava com ele. Como toda vez que a coisa ficava feia. Alexandre sempre acabava por salvá-lo.